

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

É prematuro dizer que o movimento terá continuidade, especialmente em um país acostumado a solavancos, como o Brasil

Grupo Simpar vai às compras

A Simpar, holding que controla as empresas JSL, Movida e Vamos, realizou duas aquisições em um período de apenas uma semana. Primeiro, a JSL, um dos braços de logística do grupo, comprou a TruckPad, plataforma que reúne caminhoneiros autônomos, por cerca de R\$ 10 milhões. Pouco depois, a Automob, companhia de concessionárias de automóveis da Simpar, formalizou a incorporação do Grupo Green, que controla lojas das marcas Citroen, Peugeot e Volkswagen, por R\$ 128 milhões.

Inversa/Divulgação



Globalmente, os dados da inflação surpreendem. Nesse ponto, o Brasil se destaca. Somos iguais àquelas superbactérias que nenhum antibiótico consegue matar"

Pedro Cerize, gestor financeiro e fundador da Skopos Investimentos

Bolsa se recupera em maio, mas incertezas permanecem

Depois de um abril tenebroso, quando despencou quase 10%, o Ibovespa, o principal índice da bolsa brasileira, recuperou-se razoavelmente em maio. No mês, o indicador subiu 3,86%, chegando aos 111.351 pontos. A moeda brasileira também encerrou o período no azul, com alta de 6,3% em relação ao dólar. Segundo analistas de mercado, a expectativa de desaceleração da inflação no Brasil e nos Estados Unidos, a diminuição dos lockdowns na China e novos estímulos econômicos no país asiático tiveram influência positiva no índice brasileiro. A recente divulgação dos ótimos resultados dos bancos no primeiro trimestre também ajudaram a impulsionar o Ibovespa. Ainda assim, é prematuro dizer que o movimento terá continuidade, especialmente em um país acostumado a solavancos, como o Brasil. Basta observar as incertezas que pairam sobre a Petrobras, que vive a permanente ameaça de interferência do governo.

Reprodução



André Motta de Souza/Agência Petrobras



Mercado financeiro não acredita na privatização da Petrobras

A privatização da Petrobras não vai sair, pelo menos por enquanto. É isso o que diz um relatório produzido pelo banco BTG Pactual e que foi enviado a clientes nesta semana. "Ainda vemos isso como uma tarefa desafiadora do ponto de vista político, e qualquer aposta no curto e médio prazos deve ser vista com muito ceticismo", pondera o texto. Na verdade, boa parte do mercado financeiro considera a ideia apenas um jogo de cena do governo para tirar o foco do aumento do preço dos combustíveis.

Energia solar atrai R\$ 26,7 bilhões de investimentos em uma década

Nos últimos anos, poucos setores atraíram ao país um volume tão expressivo de investimentos quanto o de energia solar. De acordo com a associação Absolar, desde 2012 a chamada energia solar centralizada, cujos projetos são adquiridos em leilões do governo, trouxe R\$ 26,7 bilhões em novos aportes e gerou 150 mil empregos. O valor ajudou o Brasil a ultrapassar a marca de 5GW (gigawatts) de potência operacional de energia solar fotovoltaica em usinas de grande porte.

R\$ 1 bilhão

é quanto a varejista francesa de materiais de construção Leroy Merlin vai investir para abrir 150 lojas no Brasil até 2024. Os novos pontos serão inaugurados nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

FUNCIONALISMO

Reajuste salarial ainda incerto

Corte de R\$ 8,2 bilhões no Orçamento não basta para garantir correção de 5%. Bolsonaro volta a cogitar vale-alimentação

» MICHELLE PORTELA

O reajuste de salários dos servidores públicos federais continua incerto. O governo tem prazo até o final de junho para definir o aumento, conforme determina a Lei de Responsabilidade Fiscal. Para isso, ainda está arrumando a casa para tentar conceder correção linear de 5% a todas as categorias. Porém, diante das limitações do Orçamento, o presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a avaliar, como

alternativa, uma aumento no valor do vale-alimentação.

Sem espaço fiscal, o governo precisa remanejar verbas para corrigir a folha de pagamento. Entretanto, os cortes no Orçamento, confirmados por meio do Decreto nº 11.086, divulgado na noite de segunda-feira, no valor de R\$ 8,2 bilhões, surpreenderam, porque ficaram abaixo dos R\$ 15 bilhões considerados necessários para acomodar o reajuste, além de outras despesas imprevistas.

A diferença corresponderia ao volume necessário para

garantir os 5% de aumento para todos os servidores.

De acordo com Leonardo Ribeiro, assessor econômico do Senado, o valor anunciado no decreto corresponde, na verdade, ao previsto no Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do 2º bimestre de 2022, divulgado no início de maio. O valor dos cortes — que vai atender a despesas extras com o pagamento de precatórios e crédito ao agronegócio — permitiu ao governo arrumar a casa para remanejar outros recursos.

"O decreto é um instrumento que dá transparência para viabilizar o reajuste conforme previsto na Lei de Responsabilidade Fiscal e mostra onde estão os cortes. Agora, o governo terá que enviar um projeto de lei para viabilizar o reajuste dos servidores, por exemplo, uma vez que não poderá promover contingenciamentos por fora do decreto", explicou Ribeiro.

Considerando o R\$ 1,7 bilhão que já havia sido retido no primeiro bimestre do ano, e os R\$ 8,2 recentes, o valor total do

montante bloqueado até agora é de R\$ 9,9 bilhões.

"O bloqueio via contingenciamento existe exatamente para viabilizar reajustes e outras novas despesas, considerado o teto de gastos. O governo não tem como bloquear dotações por fora do decreto, que precisa estar alinhado com o relatório, então, esse movimento antecede outros para que o governo possa se movimentar", finalizou.

Assim, para que o aumento linear seja enviado ao Congresso, Bolsonaro ainda

precisa ajustar o Orçamento para chegar ao montante necessário para a concessão dos 5%, ou seja, pelo menos mais R\$ 5 bilhões.

Diante das dificuldades para encontrar a fonte de recursos, Bolsonaro pediu estudos técnicos à equipe econômica para garantir R\$ 600 em vale-alimentação a todos os servidores do governo federal. A proposta de conceder vale em vez de aumento salarial havia sido feita pelo próprio Ministério da Economia.

COMBUSTÍVEIS

Com retração do consumo, preço da gasolina cai no DF

» MARIA EDUARDA ANGELI*

A semana começou com um pequeno alívio para os motoristas: o preço dos combustíveis caiu em vários pontos do Distrito Federal, e a tendência deve durar pelos próximos 15 dias. De acordo com o Sindicombustíveis-DF (Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis e de Lubrificantes), o motivo é a baixa demanda somada à grande quantidade de produtos nos estoques, que levam os revendedores a aproximarem o valor passado ao consumidor ao preço de custo.

Segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), a média da gasolina no país, atualmente, é R\$ 7,25 por litro, e a do diesel, de

R\$ 6,91, o que representa uma queda de 0,3% em relação à semana passada.

Em Brasília, na Asa Norte, o litro da gasolina é encontrado a R\$ 7,29, e o de etanol, a R\$ 6,39. No setor de garagens, os preços são de R\$ 7,18 e R\$ 5,69, respectivamente. Em Ceilândia, é possível abastecer com gasolina a R\$ 6,99. Até 25 de maio, segundo a ANP, a média no DF era de R\$ 7,70.

De acordo com o presidente do Sindicombustíveis-DF, Paulo Tavares, nos últimos dois meses, o consumo vem caindo em razão dos valores altos, tanto no caso do diesel e da gasolina quanto do etanol, o que incentivava uma disputa pela clientela. "E isso tem acontecido em quase todo o Brasil. Os postos de combustíveis

Maria Eduarda Angeli/CB/DA Press



Marcelo Coelho conseguiu gasolina a R\$ 7,17 o litro: "Qualquer desconto, tem de aproveitar"

têm muitos compromissos a cumprir, muito estoque, e aí começam a fazer promoções, como aconteceu ano passado durante vários meses", apontou Tavares.

Os preços devem permanecer no patamar um pouco mais baixo por cerca de 15 dias, ou mesmo um mês. "Enquanto tiverem os estoques e, obviamente,

enquanto os revendedores conseguirem trabalhar no negativo para cumprir seus compromissos financeiros", detalhou o líder do sindicato.

Para o educador físico Marcelo Coelho, 42, os R\$ 7,17 pagos no litro da gasolina em um posto no Sudoeste foram um achado. "A gente só vê as coisas aumentando, então qualquer desconto tenta aproveitar. Agora, eu vi que estava super barato em comparação aos outros (postos) e decidi abastecer aqui. Faz bastante diferença no meu orçamento."

Em um estabelecimento próximo, o médico Rodrigo Lanna, 37, também abasteceu a R\$ 7,17, e acredita que a queda, na verdade, foi "discreta". Mesmo assim, a redução impacta no orçamento mensal. "Qualquer valor que caia, ainda mais aqui em Brasília, onde as distâncias são grandes, no final do mês faz um pouquinho de diferença. Não teve como mudar o consumo, porque minha rotina acaba exigindo que eu me desloque bastante de carro", explicou.

* Estagiária sob a supervisão de Odail Figueiredo